



Defesa de Espinho

Semanário Regional - Nacionalista

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19 N.º 62 — ESPINHO
TELEFONES — 113 (Cham.) 187 (Residência do Director)

PELA PÁTRIA

Director, Editor e Proprietário
BENJAMIM DA COSTA DIAS

A
Câmara Municipal de Espinho
ESPINHO

ADMINISTRADOR M. BRAGA DIAS

Comp. e imp. na TIP. ESPINHENSE — R. 14 — ESPINHO (Tel. 187)

POR ESPINHO

Série V Ano XIX

N.º 985

DOMINGO

II

Fevereiro de 1951

(Avançado)

Visado pela C. de Censura

Número avulso: 1\$00

UMA PALAVRA DE TRANQUILIDADE

O Ministro das Finanças, Dr. Águedo de Oliveira, proferiu no dia 29 de Janeiro um discurso cujo conteúdo interessava a técnicos e a leigos porque interessa à Nação,—pois trata-se de assuntos que em muito interferem com a sua poupança, as suas iniciativas, o seu espírito de previdência. E como as conclusões afirmadas são, na generalidade, optimistas, aquele membro do Governo começou por classificar—e bem—as suas afirmações de «uma palavra de tranquilidade». E a Nação ouviu e compreendeu essa palavra e continua a dar a sua inteira confiança ao Governo e também à Banca e aos Seguros.

Afirmou, o ilustre Ministro, que a actividade das instituições de crédito pode um homem público, que não tem de preocupar-se com o formulário rígido dos cientistas, sintetizá-la, por forma que muitos entendam, desta maneira: recorrer, concentrar e resguardar a poupança; exercer o crédito pela selecção e distribuição; canalizá-lo para o investimento, capaz de melhorar o nível e a qualidade do rendimento nacional; com base nos depósitos e até nos excedentes de reservas, atigar a circulação monetária oficial; e combinar óptimamente o risco e a liquidez, no conjunto de operações.

Relembrou depois as vicissitudes da economia e dos Bancos perante a crise de 1929 e salientou o mérito das soluções adoptadas então, já sob a égide do Ministro das Finanças Doutor Oliveira Salazar, e graças às quais foi possível manter a recuperação e ordenar um conjunto de medidas cujos benefícios se sentem ainda hoje. Na verdade—acrescentou o Dr. Águedo de Oliveira—«da crise de 1929 saíram os nossos institutos saneados e reforçados no seu conjunto e assim os vemos ainda hoje, não sabendo se, neste sector do crédito, a derrocada inicial seria tão prejudicial com de princípio se pensou».

Entrando propriamente na análise dos números que justificam a sua palavra de confiança tranquilizadora, disse que o capital dos Bancos e Caixas «de 31 de Dezembro de 1948 até 31 de Dezembro de 1949 passou de 440.000 contos para 795.000 e os fundos de reserva de 498.000 contos para 925.000».

E depois de salientar a euforia de importações e gastos, verificada durante e após a guerra, frisou que Portugal vive hoje uma economia com características de estabilização, acen-tuando que os edifícios da Banca e dos Seguros se mostram firmes. E acrescentou:

«Entretanto, no meio dos gastos algo desordenados:—nós passamos para uma nova fórmula de equilíbrio. Na margem da perplexidade dos mercados:—os nossos rendimentos e preços tendem para a normalização. No polo dos ajustamentos monetários, das fiscalizações, «stockagens», desvalorizações da produção e flutuações do ouro:—o País reafirma a estabilidade monetária. Por fim, no flanco de países desconcertados e convulsionados:—Portugal vai trabalhando em paz».

Quer dizer, essa estabilização tende a ser uma normalização dentro da qual o País segue o seu ritmo construtivo. E se os horizontes estão toldados—como ainda há pouco acentuou Salazar—temos de enfrentar as contrariedades com ânimo e perseverança, a fim de mantermos o bem de que dispomos. Os sinais de êxito são seguros: novas fontes alimentam a economia portuguesa, desde a hidroelectricidade aos transportes marítimos, mais indústrias, fomento ultramarino, ajuda Marshall, etc.

O MAU TEMPO

Há bastantes anos que não tínhamos um inverno tão rigoroso quanto o que vai decorrente. Chuva, vento e frio, eis o que vai para, dois meses nos fustiga, nos torturpece e nos arrebia quase sem cessar.

Apesar de tudo, os prejuízos até agora causados pelos temporais em Espinho, não têm sido de grande monta desta vez. Vai-nos isso.

Nos pontos onde já está construída a muralha de defesa, esta tem resistido galhardamente a todas as investidas do mar que aliás ali se acha bastante afastado, graças aos inacabados esporões.

A CAMIONETA DOS TEATROS

Deixou de circular em 31 de Janeiro

Contra a nossa expectativa e a expectativa geral, foi novamente suspensa a circulação da chamada camioneta dos teatros, que do Porto partia para esta Vila à 1 hora da madrugada. Este veículo de transportes colectivos deixou de circular no fim de Janeiro, porque nessa data terminava a autorização superior e a empresa concessionária não requereu — ao que supomos — a sua prorrogação.

E' possível, que, como já dissemos em local anterior, que o mau tempo que tem feito nos últimos dois meses tenha concorrido para que a empresa, que estendeu a dita camioneta até aquela data a título de experiência, não ficasse animada com a concorrência a pedir a sua prorrogação até ao fim do ano. Esta hipótese, admitim-la nós, em virtude do tempo, momente do frio que tem feito neste inverno rigoroso, nada convidativo à deslocação até à capital do Norte, e, das, a razão da poca concorrência verificada.

Em nome da população deste concelho, solicitamos, pois, do gerente da «Autoc-Viação de Espinho, Lda» que reconsiderasse sobre o assunto e restabeleça, quanto antes, a circulação da almejada camioneta.

O público lhe ficará, sem dúvida, reconhecido.

E, porém, de prever que, menorando o tempo, recomece afluência de passageiros para a referida camioneta por parte dos espinhenses que daqui irão assistir a espetáculos, sessões: ultimais e diversos outros actos, além das pessoas que teham conveniência em regressar na última camioneta, pelas exigências da sua vida.

Com muita ou pouca afluência essa camioneta não deveria suspender a circulação em época alguma, porque deveria constituir uma regalia dos povos que dela se poderiam aproveitar.

E dessa forma, o público habitar-se-ia novamente a servir-se dela, sabendo que com ela poderia contar, diariamente.

Em nome da população deste concelho, solicitamos, pois, do gerente da «Autoc-Viação de Espinho, Lda» que reconsiderasse sobre o assunto e restabeleça, quanto antes, a circulação da almejada camioneta.

O público lhe ficará, sem dúvida, reconhecido.

O Carnaval de 1951

Disseram o ano passado que a animação carnavalesca em 1950 patenteava-se bem quer na rua quer nos salões de baile.

Este ano já não podemos afirmar o mesmo.

Com efeito, o temporal desabrido que nos fustigou impiedosamente, durante os dias de Carnaval, fez limitar a folia carnavalesca aos salões de baile, onde velhos e novos, de todas as classes sociais, se divertiram o mais que puderam.

O Carnaval de 1951 caracterizou-se, especialmente, pelos inúmeros bailes realizados: houve todos os dias bailes nos mais diversos lugares.

O sábado, 3 de corrente, abriu com um Baile a favor das Corporações de Bombeiros e Orfeão de Espinho, organizado por uma Comissão de rapazes, na Piscina Solário Atlântico, o qual decorreu animadíssimo.

No domingo, 4, realizou-se, por iniciativa da Comissão de Festas da A. H. dos B. V. de Espinho, dois grandiosos Bailes no seu Salão Nobre, os quais primaram pela esfusiente alegria que reinou.

Na 2.ª feira, 5, houve um Baile de Beneficência, organizado por uma Comissão de Senhoras

e Cavalheiros da nossa melhor sociedade no Teatro S. Pedro, o qual decorreu num ambiente de grande distinção. No mesmo dia levou o Orfeão de Espinho a efuso um Baile nos B. V. de Espinho, dedicado aos seus cronistas e associados e que teve a colaboração da já prometedora Orquestra «Melo». Este Baile foi, em nossa opinião, o mais animado da quadra carnavalesca deste ano entre nós.

No 3.º feira de Entrudo a mesma Comissão de rapazes organizou na Piscina um novo Baile de Beneficência, muito concorrido e divertido.

Além destes Bailes atrás mencionados, efectuaram-se outros de carácter particular, que primaram também pela alegria e disposição, como o *assalto* da Pensão Demétrio, o Baile da *Malta Firme* no Particular. Nos Bailes populares há que mencionar os do Teatro Aliança, particularmente divertidos.

Em suma, o espinhense, a quem o mau tempo proibiu o Entrudo na rua, desfornou-se divertindo-se a valer nos Salões de Baile.

Foi-se mais um Carnaval, o de 1951, o Carnaval dentro de casa...

Imposto Complementar

Nos termos do Regulamento do Imposto complementar aprovado pelo decreto n.º 36.420, de 17 de Julho de 1947, apresentam-se no corrente ano as seguintes declarações:

Declaração m/1 e m/1-A—Até fins de Fevereiro;

Declaração m/2—Até 15 de Março. Esta declaração será apresentada até 15 de Abril, quando nela se tiverem

de incluir rendimentos sujeitos a impostos sobre aplicação de capitais, secção B.

Declaração m/3—Até 31 de Março;

Declaração m/4—Até 15 de Abril.

Qualquer das declarações encontra-se à venda nas Tesourarias da Fazendas Públicas.

Nas Secções de Finanças prestam-se todos os esclarecimentos sobre a utilização e apresentação destas declarações.

Carta do Rio de Janeiro

O Brasil prepara-se para a eventualidade da guerra

Os seus efectivos militares, navais e aéreos vão aumentar para o dobro

RIO, Janeiro — (Pelo correspondente A. Ariel—Serviço combinado AMUNCO — ANI) — Depois do Congresso ter aprovado o aumento, quase para o dobro, dos quadros dos chefes e oficiais do Exército, Marinha e Aviação, e quando os Conselhos nacionais de Defesa e Economia estão a desenvolver extraordinárias actividades no sentido de elevar a capacidade industrial e militar do país—(como, por exemplo, nos casos da industrialização intensiva e combinada do vale do rio de S. Francisco, ou da exploração da borracha em grande escala, do petróleo, de que se descobriram recentemente novos jazigos, ou do carvão de Santa Catarina, ou na mobilização de todas as riquezas susceptíveis de serem exploradas no Noroeste)—ninguém pode duvidar de que o Brasil se prepara rapidamente para a guerra.

Nas baías de Jacuecanga e Masomba vai construir-se o novo grande arsenal e os estaleiros da Marinha hão-de alinhar entre os maiores e mais modernos do mundo. Ficará muito para trás, quase como uma estampa romântica, o belo arsenal actual da Ilha das Cobras. O novo centro de construções navais militares ocupará uma extensão de trinta milhões de metros quadrados. Possuirá cinco «carreiras» e nele poderão construir-se navios de todos os tipos, inclusivé grandes couraçados e porta-aviões. Entretanto, navegam com rumo ao Brasil os dois cruzadores, de dez mil toneladas cada um, o «S. Luís» e o «Filadélfia», que foram adquiridos nos Estados Unidos. A marinha brasileira já lhes deu novo nome. Chamam-se, de futuro, «Almirante Tamandaré» e «Almirante Barroso».

A melhor demonstração da firmeza da posição brasileira está na atitude adoptada para com as organizações clandestinas do partido comunista. Uma onda de agitações, assaltos, sabotagens, greves parciais, distúrbios e violências, das quais a mais grave até agora deve ter sido talvez a de Pernambuco, onde os comunistas atacaram a polícia a tiro durante muitas horas, causando numerosas vítimas, tem por motivo único a intrepidez e claridade dessa posição do Governo e do povo perante a guerra da Coreia e suas possíveis consequências. E, para que a esse respeito não surjam dúvidas, basta saber-se que a polícia anunciou a publicação de uma nota oficial, demonstrativa das relações existentes entre os agitadores amigos de Prestes e os Consulados dos países satélites da Rússia, entre os quais a Imprensa assinala, sem reticências, a Polónia e a Checoslováquia.

A contribuição do Brasil para a causa aliada durante a segunda guerra mundial foi bastante considerável, tanto no terreno militar como no económico e político. Os Estados Unidos e a Inglaterra, não obstante as deficiências de então, abasteceram-se abundantemente de matérias primas e de géneros alimentícios brasileiros. A Marinha Mercante do Brasil foi utilizada com eficácia ao serviço dos aliados, não só nestes mares, mas também no Atlântico Norte. Foi a actuação política do Brasil a que melhor contribuiu para o fortalecimento e consolidação do chamado «bloco americano» em 1942—e a tomada de posições, por fim unânime, da América do Sul contra as potências do Eixo.

No terreno estritamente militar, não se limitou este grande país a pôr as bases das suas extensas costas ao serviço da guerra, ajudou também a abrir e sustentar o chamado «corredor da Vitória», do Natal à África, combatendo nos mares e nos céus do Atlântico Sul. Além disso, enviou à Itália um Corpo Expedicionário do Exército e da Aeronáutica, que lutou heróicamente.

Hoje, o Brasil encontra-se infinitamente mais bem preparado de que naquele tempo. O seu auxílio à causa comum hão-de ser muito mais extenso e valioso. Os acordos recentemente firmados com os Estados Unidos garantem a iniciação de uma ampla e profunda mobilização industrial e económica, que, por sua vez, garante para o caso de uma guerra, uma extraordinária contribuição brasileira à causa do Ocidente. E, logo para depois da guerra, um Brasil mais rico, mais forte, mais poderoso, tal como corresponde à sua geografia imensa.

Touradas em Luanda

Pela Imprensa

A'TOMO

Está à venda o número 37

Acaba de ser posto à venda o número 87 de «A'TOMO», o apreciado jornal ilustrado de divulgação cultural, que entra assim, no seu quarto ano de publicação regular, facto que só por si assinala o êxito que esta notável publicação conquistou entre o nosso público.

O número agora à venda, referente a Janeiro, inclui, entre outras, a seguinte colaboração:

«Do instinto à razão» pelo prof. dr. Barbosa Boeiro; «Em caso de gripe...» conselhos de grande interesse, oportunidade pelo dr. Gualdo Cabral; «O Morno-médico veterinário Manuel Lame Monteiro; «Ação e aplicação psicológica das cores», pelo dr. César Anjo, Filho; «Contabilidade Financeira, pelo técnico contabilista Martim Nesi Monteiro, «A arte do ourives de prata» e, ainda, as habituals secções de Literatura, Teatro, «A'TOMO», no Porto, Jornal do Estudante, Casa de pais, escola de filhos, Encyclopédia, e a página «Relaxo e Cultura», com xadrez, Palavras Trocadas e um «test» de cultura geral.

LEDE, PROPAGAI E ASSINA
O NOSSO JORNAL

A nossa SOCIEDADE

Da rua para o 3.º andar

RUA de intenso movimento. No meio do denso casario, exageradamente assimétrico e exuberante de cores, sobressai um prédio de vários andares, a tentar fugir para o estilo caixote dos grandes arranha-céus americanos.

Quotidianamente, a qualquer hora, um indivíduo magro, de faces macilentes, pára em frente do edifício, assobia e espera. Lá em cima, no 3.º andar, abre-se logo um minúsculo janelão e surge um vulto sifilítico dumalhoira oxigenada.

Falam, horas e horas seguidas, de cima para baixo e de baixo para cima, haja sol de torrar, chova a cataratas ou partam raios.

Por vezes, nos dias de grande movimento ou quando o temporal desabrido fastiga impiedosamente os pobres transeuntes, quase não se chegam a ouvir, por mais que esganem as gargantas secas e roucas. Mas, elas permanecem estoicamente, platinicamente, apesar das intervenções pouco agradáveis dos vizinhos incomodados e do guarda-sol de serviço.

Cinco anos durou aquele colóquio para as alturas. E um dia resolvem casar, porque se amavam loucamente...

Casamento pomposo, de *carragem*, criados de *libré*, etc.

Porém, cinco dias eram passados e, após umas amorosas cenas de *pagliato*, o marido quereria o divórcio.

Coisas da nossa sociedade...

Marcos Portugal

N. B. — A ação tanto pode decorrer numa cidade como numa vila com prestações a cidade.

O Autor

A "Frente Unida," de Espinho

realizou dois interessantes espectáculos

O grupo de amadores teatrais da «Frente Unida» desta Vila levou a efecto nas noites de 1 e 3 do corrente, na sede do Patronato de Espinho, dois interessantes espectáculos de beneficência que deixaram a melhor impressão na assistência que encheu por completo o amplo salão.

O programa constou da representação das chistosas comédias: «Simplicio Castanha & C.» e «Os Dois Vizinhos Boticários», as quais despertaram francesas gargalhadas; o drama em verso, de Carlos de Moraes — «Coroa de Rosas» e um acto variado constituído por recitativos, danças regionais, etc.

Os intérpretes foram muito aplaudidos.

O 1.º espetáculo reverteu em benefício do «Patronado», e o 2.º em favor da «Frente Unida».

Assinaturas adjantadas

Vieram à Relação pagar ou enviaram nos as importâncias de suas assinaturas, mas os seguintes prezados assinantes a quem dirigimos os nossos agradecimentos:

Pagaram o ano completo: — Henrique Ferreira Pedro e Manuel Rodrigues Moraes, de Espinho; e Domingos Alves de Oliveira, de Silvalde;

Pagaram o semestre em curso: — João Cesar Paula de Lima, ausente em Coimbra; Francisco Cae-tano dos Santos, de Gondezende — Esmeriz; Joaquim Silva, ausente, temporariamente em Luanda; Manuel José Ribeiro, de Espinho; e Manuel da Fonseca Zênia, de São Félix da Marinha.

Deseja açúcar?

Ecreva para — A. F. Warty — Hotel Brito — Benguela — Angola — L'orjorjo —, e receberá um pacote de 10 quilos de açúcar.

REGISTO SOCIAL

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: Hoje, dia 11, as meninas Maria de Lourdes Aguiar, filha do sr. Armando Ribeiro de Aguiar, ausente em Espanha, Maria de Lourdes de Oliveira Maia, filha do sr. Augusto da Silva Maia e Maria Luisa Cardoso de Lima, filha do sr. Angelo André de Lima, ausente em Coimbra; o menino Rogério Joaquim, filho do sr. Rogério Tavares da Rocha, de Nogueira da Regedoura; as sr.as D. Maria Luisa Nogueira, esposa do sr. João Cesar da Costa, e D. Ana Rosa A. Vieira de Sousa, esposa do sr. Armindo Francisco de Sousa, de Esmeriz, e o sr. Alberto de Brito, ausente no Porto e Américo Leal de Oliveira Esteves;

— em 12, as sr.as D. Adosinda da Conceição dos S. Costa, esposa do sr. Pedro José Fernandes da Costa, D. Carmo Castanheira de Brito, D. Leonor Pais, esposa do sr. Macímiano Pais D.

Olivia Mendes Pinto, esposa do sr. Joaquim Pinto, e D. Ilda Pereira Ramos de Almeida esposa do sr. Flávio Alves de Almeida, ausente no Rio de Janeiro, e os srs. Alexandre de Castro Lima, Antero dos Santos e Manuel da Silva Pardilhó;

— em 13, a senhorinha Palmira Almeida Frutuoso, filha do sr. António Rodrigues Frutuoso e os srs. Álvaro Ferreira Serrinha e José dos Santos Almeida;

— em 14, as sr.as D. Carmen Soares G. Martins, esposa do sr. João da Silva Martins, ausente em Leopoldville Congo Belga e D. Mario José de Carvalho Vas, esposa do sr. Silvério Vas e os jovens José Luis Mateu Dias Pinto, ausente em Oliveira de Azeméis e Fernan do Soares Ferreira;

— em 15, as meninas Maria Eunice Dias de Sousa filha do sr. Joaquim Pereira de Sousa, ausente no Porto, e Maria de Fátima H. Fernandes da Silva, filha do sr. Manuel Fernandes da Silva, as sr.as D. Josefa Celeste Henriques Nunes dos Santos, esposa do sr. dr. Manuel Baião Nunes dos Santos, de Lisboa, D. Palmira Ferreira Alves Mourão e D. Inácia Pinto de Resende, de Idanha-Anta, o menino Jacinto, filho do sr. José Loureiro Zenha, e os srs. Augusto Soares Magalhães, Tito Lívio Godinho e Fernando Nery Alves F. Neto;

— em 16, a sr.ª D. Ana de Sá Ferreira, esposa do sr. António Vieira de Oliveira e os srs. Manuel Esteves dos Santos e José Alberto Pinto Rezende, de Angra;

— em 17, a sr.ª D. Francelina Leal de Pinho, esposa do sr. António Gomes de Pinho, a senhorinha Fernanda do Lago Cancela, e os srs. dr. João Henrique de Penha Garcia, ausente no Porto, Adelino Rodrigues da Silva, de Angra e José Carlos Fernandes e seu sobrinho o menino Carlos Alberto Ribeiro da Silva.

Temas Filosóficos

O CRITICISMO DE KANT

V

Analizando Kant

(Continuação)

Apondados já aos caros leitores as grandes virtudes, que embelezam o «Criticismo», resta-nos falar agora dos graves defeitos, de que está eivada a Filosofia de Kant.

Antes de mais, o grande filósofo germânico não resolveu um grande número de dificuldades, deparadas através de controvérsias, sustentadas contra os filósofos do seu tempo. Assim na controvérsia com Jacobi, contemporâneo de Schelling, viu-se em sérias dificuldades. Senão vejamos a questão, passo a passo.

Kant defendia que o único objecto do conhecimento eram os fenômenos. Jacobi, por seu lado, respondia que não, por quanto, sem a «res in se» ou o «noumenon», era impossível entrar-se na Crítica da Razão Pura. Além disso, admitida a existência da «res in se», não se podia admitir a Razão Pura.

Com efeito, a Razão Pura supõe a existência dum fenômeno, considerando a ciência incontestável; mas esse fenômeno ou existe in se e então como noumenon ou existe in alio e o in alio é noumenon. Por outro lado, admitido o noumenon, pedímos perguntar-lhe, como Jacobi: — onde está a razão de tudo isso? E Kant responderia, certamente: — na causalidade. Do que resultaria mais uma interrogação: como, se esta é uma forma do espírito, uma categoria?

Foi nesta espécie de labirinto que a controvérsia com Jacobi lançou o filósofo alemão.

Outro defeito que ressalta através do «Criticismo» é o exagero simétrico, que o transforma, por vezes, num sistema demasiado artificial, pleno de afirmações algo infundadas.

Todavia, o mais grave dos defeitos de que enferma o sistema filosófico de Kant é, sem dúvida, o seu subjectivismo.

Com efeito, seguindo as suas pisadas, deparamos com uma ciência que ignoramos ser verdadeira, porque a verdade pertence objectivamente ao noumenon e é subjectivamente informada pelas formas a priori.

Ficando apenas de pé o 2.º conhecimento, não sabemos o valor, a possibilidade da verdade. Dónde caímos logo no scepticismo, pois teremos de admitir diversas formas de conhecimento, a evolução da verdade.

Em conlúcio: Emmanuel Kant, o formidável criador do «Criticismo Filosófico», apesar de todos os graves defeitos apontados e de muitos outros que se poderiam indicar, foi, sem sombras de dúvida, pela maneira como procurou estudar basicamente o problema crítico, pelo enorme poder de raciocínio demonstrado na sua Filosofia, um dos maiores filósofos de todos os tempos.

FIM

Mensário das Casas do Povo

O «Mensário das Casas do Povo», conforme temos por várias vezes salientado no nosso jornal, continua a sua obra de cultura popular, talvez única no imprensa periódica portuguesa, pela importância atribuída a um aspecto algo descurado, o de etnografia, o do conhecimento das raízes da alma popular, sem o qual difícil será erguer o nível social e cultural do nosso povo. Está publicado o n.º 56, referente a Fevereiro de 1951.

Além da cuidada apresentação gráfica que o distingue, o «Mensário» publica número, entre outros, os seguintes trabalhos, que convém ler e meditar: «A mulher e o lar», pelo P. Baptista Fernandes, «Em defesa da família», por Augusto Zambrosa, «Emigrar? Sim, mas para o Império», oportuno estudo de Luís de Quadros, e os artigos dedicados principalmente ao estudo dos costumes populares, «A cantareira», por Ester Nobre de Sousa, «Frisos da nossa gente e da nossa terra», por Luís Chaves, «O povo e a língua», de Vasco Botelho de Amaral, «Nossa Senhora dos Açores», poema de João de Castro Osório, «Cultura e Recreio», etc.

Queremos salientar ainda, a notícia de que está aberto o Concurso Literário de Romance da Junta Central das Casas do Povo, destinada a premiar «Romances em língua portuguesa que particularmente descrevam aspectos do trabalho, da arte e dos costumes rurais».

Os prémios pecuniários são de 20.000\$00 e 10.000\$00.

Escola de Condução de Motoristas

em Espinho Para Cavalheiros e Senhoras

dirigida por Edmundo Clemente Ferreira

Nesta Vila, — Ligeiros — em S. João da Madeira, — Ligeiros e Pesados

Seriedade nos contratos. Para informações dirigir-se ao sr. Manuel

Pinto da Fonseca, — R. 19 Espinho

Em S. João da Madeira, telefone 1119

Aluga-se

Primeiro andar mobiliado na Rua 19, em frente à Rua 14.

Tratar com E. P. O. — telefone 93-ESPINHO

sofreram grandes amolgaduras, na frente.

— Acidentes que poderiam ter consequências graves e que não se dariam, se os locais fossem devidamente policiados.

REGISTO SOCIAL

Paridas e chegadas

Embarcou há dias para Venezuela, para a companhia de seu pai, a senhora Maria de Lourdes Fernandes Pinto, filha do sr. Alberto Fernandes Padrão.

Felicidades.

Nascimentos

Em 18 de Dezembro passado, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Lívia de Oliveira Gomes Fernandes Costa, esposa do sr. Celso Fernandes Costa e distinta professora em Arouca, que entregou seu o lar com mais uma menina à qual foi dada o nome de Lúcia Matta.

— No dia 17 de Janeiro findo deu à luz um menino a sr.ª D. Emilia Alves da Costa, esposa do nosso amigo sr. Alfredo Ferreira da Costa e Silva e filha do nosso assistente sr. Manuel Alves Gomes da Costa, e da sr.ª D. Maria da Sá Couto, de Sivalde,

— Também no dia 27 de Janeiro, a sr.ª D. Maria Josefina Lima Tavares, esposa do nosso amigo sr. José Camilo Tavares, brindou o marido com o seu primeiro filho, uma criança do século XX.

— Parabéns aos progenitores e votos de boa sorte aos recém-nascidos.

Doentes

Na Casa de Saúde de Espinho foi operada pelo distinto cirurgião sr. Dr. Gomes de Almeida, de uma epidéctite aguda, a sr.ª D. Vitalina Alves da Silva, esposa do sr. Angelo Alves da Silva, considerado sócio da U. V. A.

— Não obstante a gravidade da doença, a operação foi corada de êxito, encontrando-se a enferma a caminho da convalescença.

— Em Lisboa, foi, também, recentemente, submetida a uma intervenção cirúrgica a esposa do industrial desta Vila, sr. Leon Petit.

— Também se acha enferma a sr.ª D. Berta Beleza da Gama Barata, viúva do sr. Jodo Barata.

— Desejamos o breve restabelecimento a todas as doentes.

Necrologia

João Carvalhal da Gama Barata

FUNERAL

Mário Fernando

Conforme sucintamente noticiamos no transacto número, foi muito concorrido o funeral do malogrado chefe dos escritórios da Feoseireira Portuguesa desta Vila sr. João Carvalhal da Gama Barata, realizado no penúltimo sábado, ao fim da tarde.

Nele se incorporaram pessoas de todas as categorias sociais, entre elas as individualidades de maior destaque no nosso meio.

A urna foi transportada num pronto socorro dos Bombeiros V. Espinhenses de cuja Direcção o feijão fazia parte, ladeada por um piquete desta corporação e outro dos Bombeiros, V. de Espinho cuja viatura transportava as cônegas.

Também estavam representados o Sporting Club de Espinho, Legião Portuguesa e outras colectividades e organismos, a que o falecido pertencia.

Foram portadores da chave e da toalha, respectivamente, os srs. Coutinho de Magalhães, amigo íntimo do falecido, e Frederico Alcoforado, Presidente da Câmara do nosso concelho.

— Segredo de Estado conta-nos

a história dum médico-cirurgião americano, descobridor dum novo tratamento para certa doença do torax, que é considerado a fazer uma demonstração dessa inovação num país situado para além da «corda de ferro». Nada disso, expressamente, no filme, que o país, seja da «corda de ferro», mas o espectador deduz isso perfeitamente.

O cirurgião, após ter chegado ao dito país, descoide, acidentalmente, um importante segredo político, cuja posse, o gô, automaticamente em perigo de vida. Foge, então, através desse prisão desconhecido para ele, numa fuga desesperada, valendo-se da sua inteligência e também do acaso para ir conseguindo escapar aos perseguidores. Toda a polícia anda à sua procura.

É uma autêntica caça ao homem realística e empolgante contada.

Mais tarde, ao médico em fuga, junta-se uma rapariga, que comilha o seu segredo e o ajuda em momentos angustiosos. Porém, depois de terem ultrapassado grandes perigos, quando já se julgavam a salvo noutro país, são capturados por seus inimigos.

Poucos momentos de vida restam ao cientista, mas no último momento algo de inesperado acontece e ele e sua compaheira salvam-se, surpreendentemente.

Um filme muito bem realizado que faz o espectador sentir-se na borda da cadeira preso da maior emoção. E juntamente com tudo isto o filme proporciona-nos, através dum óptica irónica e por vezes risível, uma visão da vida nos países da «corda de ferro».

Espinho, 9 de Fevereiro de 1951

a) António Lopes Vieira

Agradecimento

Alvaro Ribeiro e sua família

agradece por este meio a todas as pessoas que acompanharam o funeral da sua esposa

O Desporto em Espinho

Correspondências

FUTEBOL

Espinho 4—Leixões 1

O Espinho teve no passado domingo a saída mais perigosa do Campeonato que anda disputando. Contra os prognósticos de muitos, o grapo da nossa terra regressou vencedor por 4 a 1, tendo conseguido um dos melhores resultados deste torneio. Vencer o Leixões no seu próprio Campo, é prova que poucos têm saboreado. Porém, queremos frisar que o resultado conseguido pelo «Espinho», foi de inteira justiça, visto que ele permitiu a equipa que dentro do terreno foi aquela que mais se evidenciou, sabendo jogar em velocidade e em anticipação, tendo a defesa tido papel de relevo. Não fazemos resenha do jogo, visto que todos os jornais diários e da especialidade a fizerem. Os golos do Espinho foram marcados por: Pacheco (jogador do Leixões), Guilherme, Ribeiro, e Artur Sebastião, e Gabriel marcou para o Leixões. Da lastimar foi a expulsão aplicada a Lopo, visto que a mesma originou que pela Federação de Futebol, fosse o mesmo jogador suspenso por um jogo.

O Espinho alinhou com: Cântara, Padrão, Lopo, Veríssimo, Angelo, Vivas, Ribeiro, Walter, Artur, Guilherme e Olímpio.

No inicio do jogo, foi guardado um minuto de silêncio pela morte de João Barata, director do Spor-

• SALGUEIROS—ESPINHO

Para hoje temos no nosso Campo da Avenida, a visita do forte agrupamento do Porto-Salgueiros, que na tabela da classificação ocupa o 2.º lugar com 19 pontos. Aos nossos rapazes, desejamos que repetam a façanha do passado domingo; são esses os nossos votos.

S.

I.º Centenário do Selo Português

E' em 1953 e não em 1952, como por lapso se diz na nossa local de 21 de Janeiro, que se comemora o centenário da primeira emissão do selo português.

Fica rectificado o engano.

Farmácias

DE SERVIÇO HOJE

Farmácia Santos

2.ª feira—Farmácia Teixeira
3.ª — Santos Suer.
4.ª — Palva
5.ª — Higien
6.ª — Grande Farmácia de Espinho
Sábado — Paiva

Corte LUC

Alta Costura

Ensina Professora de Lisboa—
(Rua 16—casa da D. Cristininha)

Aceitam-se inscrições na Alfaiataria Teófilo, à Rua 62—ESPINHO

FOLHETIM DA "DEFESA DE ESPINHO",

(CONTINUAÇÃO)

Capítulo III

Cautela com os cavalos em liberdade!

Segundo interrogatório. O mesmo Abramovitch afundado no poltronha. O mesmo homensino pálido e magro por detrás da pequena mesa coberta de papéis e de «dossiers». A mesma lâmpada eléctrica, disposta de maneira que a luz batesse, fortíssima, nos olhos da prisioneira. Fora até o mesmo guarda que a trouxera. Mas Nadia presentiu, apesar de tudo isso, que algo mudava. O comissário não lhe sorria, nem procurava mostrá-la amável; parecia, simplesmente, fatigado; quanto ao secretário, tinha agora a barba mais crescida do que da outra vez. E ela? Lembrava-se que o primeiro interrogatório fora há mais de uma semana — e de que lhe haviam tirado o pente, o «bat» e o espelhinho de carteira no próprio dia em que a tinham prendido; devia estar horrível — pensou. Então, instintivamente, levou a mão ao cabelo, como que a ajeitá-lo...

Abramovitch murmurou, com pesada ironia:

— Não se preocupe. Está muito bem assim. Não estamos no «Bolshoi», em noite de gala.

Corando, Nadia retirou vivamente a mão do cabelo. Dofa-lhe terrivelmente a ideia de que Abramovitch supeasse que ela pretendera agradar-lhe... E as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Ao comissário não passaram despercebidas. Ela começava — pensou Abramovitch — a dar evidentes sinais de fraqueza... Talvez acabasse mesmo por consentir em assinar uma nova confissão, se ele não estivesse tão cansado; se Catarina — a pequena Katia, segunda bailarina do «Bolshoi» — precisamente naquela noite não o esperasse no restaurante privativo dos altos funcionários da MGB e, sobretudo, se o caso do coronel Fichelev não fosse já, na medida em que ela poderia intervir, um caso arrumado. Não. Agora, tratava-se apenas de uma formalidade...

Indicou o banco:

— Sente-se.

(Da outra vez, mandara buscar também uma poltrona para ela. E Nadia preferiu que ele agora não se mostrasse amável... Intimidava-a mesmo assim...)

— Camarada Nadia — disse o comissário — chamei-a para lhe dizer que

o seu pronunciamento de maneira especialmente ameaçadora a palavra hoje

D. Maria Soares de Albergaria

SORRISO DOMINGUEIRO

8-2-951

Silvalde, 9 — Foi recebida com natural a voroço a notícia de que a Ex.ma Sr.a D. Maria Soares de Albergaria havia cedido a sua casa, cerca e respectiva bouça, para residência Paroquial desta freguesia.

Dados os valores da referida habitação e anexos, o povo desta terra vibrou com mais este acto de benemerência, a juntar a tantos outros que a Ex.ma Sr.a D. Maria S. de Albergaria tem dispensado a esta freguesia, mormente em obras realizadas adentro da nossa Igreja.

A missa conventual, dum dos últimos domingos, o nosso Rev.º P.e José R. Adrego, deu a notícia, e finda a qual um grupo de homens desta terra dirigiram-se à sacristia, onde cumprimentaram o zeloso Pároco e pediram-lhe que fizesse sentir aquela benemerita o seu profundo reconhecimento por este seu gesto, velha aspiração dos silvadenses.

E' possível que aquela senhora tivesse conhecimento deste desejo do povo da sua terra adotiva, pois, a grande benemerita vive entre nós há longos anos.

Reclamados os socorros, imediatamente, o sr. Dr. António Pereira Pinto, médico, local e a ambulância dos Bombeiros Voluntários de Espinho que, na companhia daquele facultivo, transportou os dois primeiros à Santa Casa da Misericórdia de Espinho, onde ficou internado o Joaquim Salvador, seguindo para o Hospital Geral de Santo António do Porto, por ser grave estado, o Carlos Alberto que, depois do tratado, recolheu à enfermaria 3.

O José Ramiro e o Vitor Manuel foram e continuam a ser tratados pelo Dr. António Pereira Pinto.

O desastre causou grande consternação no meio local.

C.



D. Maria Soares de Albergaria

Assim aquela casa que havia sido construída por um dos antigos Párocos, — Rev.º Joaquim Moreira, falecido há muitos anos e adquirida pelo sr. Joaquim S. Albergaria, pai da sr.ª D. Maria e seus irmãos padres, volta a servir de Residência Paroquial.

Bem heja, portanto, a Sr.ª D. Maria por mais esta dádiva e que Deus a contemple como merece.

superstições, credades, usanças, bruchas e benzedeiras, etc.

A estes «particulares», a estes «pormenores» se deve ir beber, afirma o autor, o melhor assunto, o tema favorito para os nossos romances, para as nossas novelas, para os nossos contos e crônicas.

Tal qual como no tempo de S. Francisco de Sales, também a nossa época vive erigida dos piores e mais malfazejos erros.

Não, é certo, as heresias que tanto preocupavam o Bispo de Genebra as que fustigam o nosso desgraçado tempo, mas são outras e só Deus sabe se piores.

Por isso mesmo, o exemplo de S. Francisco de Sales é ainda oportuno, actual em nossos dias.

Como ele, também nós devemos ter a preocupação de ouvir a Verdade, de por ela combater,

ainda que como a ele mais dumavez aconteceu e corramos risco de morte. Tal qual o Doutor da Perfeição, também nós devemos ser intransigentes com os erros

e mentiras que profalam a nossa idade, e ante os quais nos devemos erguer resolutos e firmes, sempre dispostos a combatê-los por todos os meios ao nosso alcance.

S. Francisco de Sales exerceu um grande e benemerito papel no seu tempo e no final não fez nada de extraordinário, nação que qualquer de nós e todos nós não podemos fazer: cumprir o nosso dever, defender a Verdade, lutar contra todos os erros.

Por isso, ele é modelo e exemplo a imitar.

S. M.

Joaquim Carvalhal da Gama Barata

Agradecimento

Bibliografia

A Vida Rural no Romance Português

por Anónio Alvaro Dória

Lisboa — 1950. — Publicação subsidiada pela Junta Central das Casas do Povo.

Estudo detido sobre o modo como os nossos romancistas do séulo passado e do actual consideraram e consideram a vida rural como tema de arte.

E o primeiro trabalho que se faz em Portugal acerca de tema tão atractivo, tão curioso, tão aliciante.

Capítulos bem delineados, bem traçados, com parágrafos óptimamente desenhados e referentes ao homem e ao meio das nossas províncias, ao vestuário e habitação, ao trabalho, linguagem,

Belo volume, recheado de interessantíssimas transcrições dos nossos melhores autores, merece ser lido e meditado por todos quantos apreciam a verdadeira vida rural no romance português.

victo, era, sobretudo, um militar. Sempre o fora ...

O engenheiro Romantchenko está arrependido por não ter procurado espiritualmente, para nos pôr ao facto do que se passava. Por nosso lado fomos generosos. Compreendemos que lhe repugnasse denunciar o sogro antes de tentar desviá-lo, por outros meios, do caminho que ia seguir...

(Apeteceu-lhe gritar que o marido não sabia, nunca soubera de coisa alguma — e que tudo fora inventado, ou por ele, ou então por quem o havia obrigado a assinar aquela absurda confissão.) Mas recebeu comprometer o pal com alguma palavra imprudente e permaneceu silencioso, cunhado — como num pesadelo — a voz do comissário, lenta, insídia.

Disse que fomos generosos... Mas não tanto como supõe. O engenheiro Romantchenko indicou os nomes de alguns dos cúmplices do coronel Fichelev. Sabemos, porém, que há outros, mas que, infelizmente, o seu marido não conhece. Por isso nos lembramos de pô-lo em liberdade. Coisa uma laca, percebe? A sua libertação coincidiu com a prisão de uns quantos amigos de Fichelev, os outros filhos de pensar, naturalmente, o que eu, no caso deles, também pensaria: «Foi o engenheiro Romantchenko o delator; foi ele quem nos traui». Não-de, pois, procurar vingar-se e talvez mesmo o consigam... mas, ao fazê-lo, califra na rateira.

(Ela tinha que avisar o amigo misterioso que lhe telefonara para casa... Mas como?)

— Camarada comissário — (a voz de Nadia vibrava, indignada) — crei, sinceramente, que se trata de uma confissão?

Abramovitch sorriu. (Era ainda mais odioso, assim, quando sofrer).

— Aqui, os prisioneiros não fazem perguntas, respondem ás perguntas que lhes fazemos. Mas vou abrir para si uma exceção. As palavras que vai ouvir, poderá repeti-las depois, se quiser. Ninguém acreditaria, nenhuma pessoa que o seu pal não o punha ao par de coisa alguma. Os próprios nomes de cúmplices de Fichelev que figuram na confissão de Romantchenko, fomos nós que ditamos. Estou convencido, no entanto, de que o seu marido será, uma vez em liberdade, o portador do fio que nos levará até aos verdadeiros amigos, aos verdadeiros cúmplices do seu pal. E nisto, afinal, que está, para mim, querida camarada, o valor, o único valor da confissão que eu próprio fabriquei linha por linha) do engenheiro Romantchenko.

(Continua)

NADIA

Romance de PATRICK AL-CANE
(Exclusivo em língua portuguesa da Agência ANI)

11 DE FEVEREIRO DE 1951

N.º 4

— O engenheiro Romantchenko está arrependido por não ter pro-

curado espiritualmente, para nos pôr ao facto do que se passava. Por

nosso lado fomos generosos. Compreendemos que lhe repugnasse denunciar o sogro antes de tentar desviá-lo, por outros meios, do caminho que ia

seguir...

(Apeteceu-lhe gritar que o marido não sabia, nunca soubera de coisa

alguma — e que tudo fora inventado, ou por ele, ou então por quem o havia

obrigado a assinar aquela absurda confissão.) Mas recebeu comprometer o

pal com alguma palavra imprudente e permaneceu silencioso, cunhado — como num pesadelo — a voz do comissário, lenta, insídia.

Disse que fomos generosos... Mas não tanto como supõe. O engenheiro Romantchenko indicou os nomes de alguns dos cúmplices do coronel Fichelev. Sabemos, porém, que há outros, mas que, infelizmente, o seu marido não conhece. Por isso nos lembramos de pô-lo em liberdade. Coisa uma laca, percebe? A sua libertação coincidiu com a prisão de uns quantos amigos de Fichelev, os outros filhos de pensar, naturalmente, o que eu, no caso deles, também pensaria: «Foi o engenheiro Romantchenko o delator; foi ele quem nos traui». Não-de, pois, procurar vingar-se e talvez mesmo o consigam... mas, ao fazê-lo, califra na rateira.

(Ela tinha que avisar o amigo misterioso que lhe telefonara para casa... Mas como?)

— Camarada comissário — (a voz de Nadia vibrava, indignada) — crei,

sinceramente, que se trata de uma confissão?

Abramovitch sorriu. (Era ainda mais odioso, assim, quando sofrer).

— Aqui, os prisioneiros não fazem perguntas, respondem ás perguntas

que lhes fazemos. Mas vou abrir para si uma exceção. As palavras que

vai ouvir, poderá repeti-las depois, se quiser. Ninguém acreditaria,

nem sequer teria razão para dizer que o seu pal não o punha ao par de coisa alguma. Os próprios nomes de cúmplices de Fichelev que figuram na confissão de Romantchenko, fomos nós que ditamos. Estou convencido, no entanto, de que o seu marido

será, uma vez em liberdade, o portador do fio que nos levará até aos

verdadeiros amigos, aos verdadeiros cúmplices do seu pal. E nisto, afinal,

que está, para mim, querida camarada, o valor, o único valor da confissão

que eu próprio fabriquei linha por linha) do engenheiro Romantchenko.

(Continua)

